

# “Deviam perdoar-lhe e esquecer o passado”

Amiga de Günter Grass há mais de 20 anos, Marie Hubert fundou, nos anos 80, com Volker Huber, seu falecido marido, o Centro Cultural São Lourenço, em Almancil, no Algarve. Grass já lá expôs por várias vezes, sendo a próxima em 2007. Huber enaltece a confissão feita pelo autor de que foi das Waffen-SS e insiste para que se não tirem conclusões precipitadas

Ⓜ José Manuel Oliveira

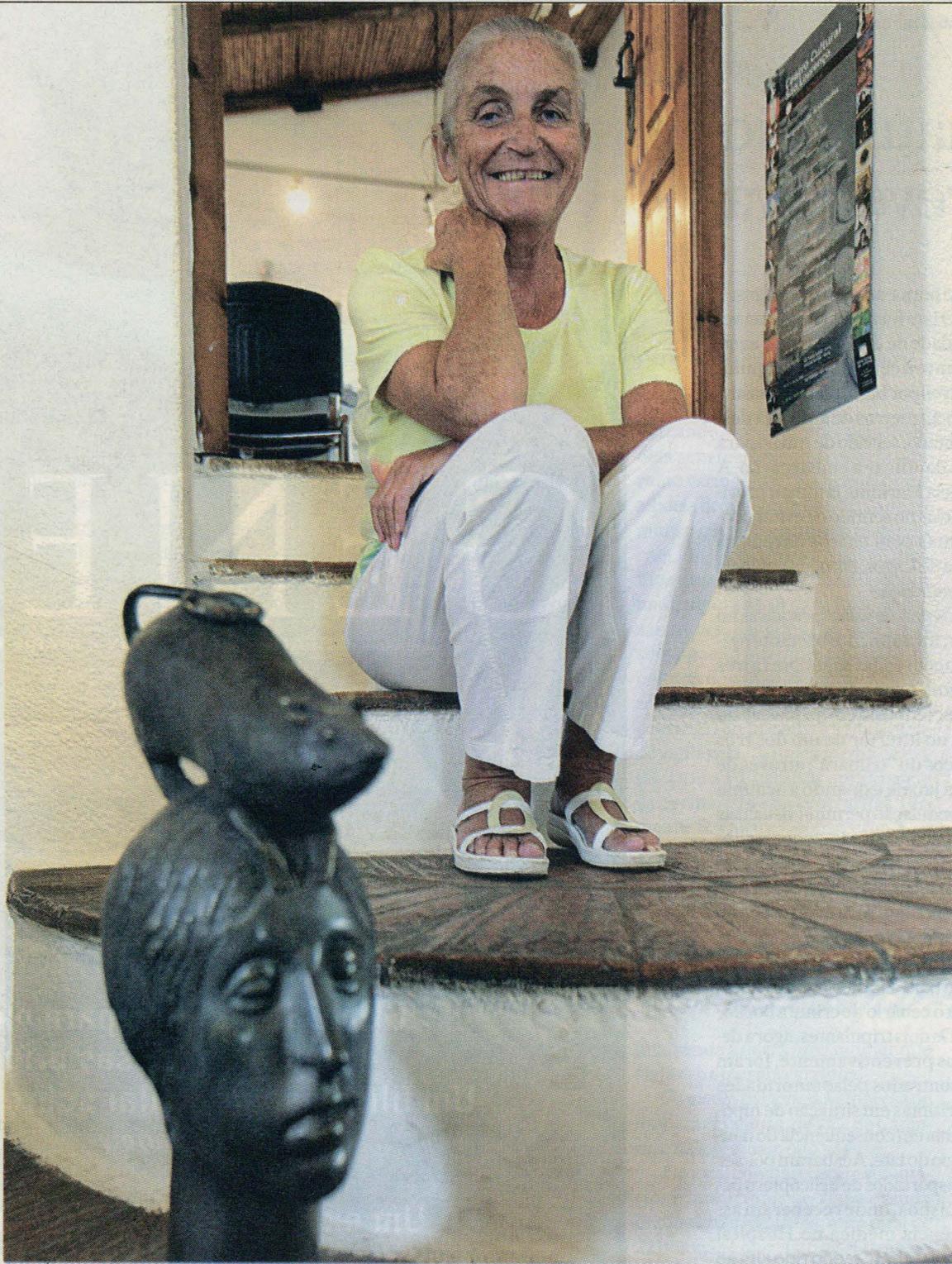
“É um acto de coragem Günter Grass revelar, embora tarde, uma coisa que muitas pessoas talvez tivessem guardado em segredo para sempre. Há que tentar compreender como, porquê e em que circunstâncias ele pertenceu às tropas SS, em vez de tirar conclusões precipitadas e fora do contexto. E, se o fizerem, os alemães deviam perdoar-lhe e tentar esquecer o passado.”

Sentada no alpendre do Centro Cultural de São Lourenço, em Almancil, do qual é responsável há mais de duas décadas, Marie Huber, de 64 anos, falou ao DN do caso Grass. Apesar de surpreendida, enaltece a confissão feita pelo escritor (e pintor) alemão sobre o facto de ter pertencido às tropas de elite nazis. Tal situação, porém, não altera em nada a boa opinião de Marie acerca do Prémio Nobel da Literatura, um amigo que expõe com regularidade no centro (a última vez foi em 2005, “uma série de gravuras sobre contos de Andersen”, e a próxima será em 2007).

“Ele é muito simples, simpático, directo e humano, sendo incapaz de fazer mal a quem quer que seja. Conheço-o há mais de 20 anos e admiro-o também pela sua frontalidade e inteligência”, recorda Marie, que fundou o Centro Cultural com o falecido marido, Volker Huber, no início dos anos 80.

Quando recebeu a notícia sobre a polémica confissão de Grass no seu último livro, telefonou logo aos seus filhos, que vivem na Alemanha e em França. Mas eles só sabiam o que “ouviram dizer”. Depois, leu na imprensa portuguesa. “Como reagi? Não gosto muito de falar sobre esta história porque não tenho informação básica”. Contudo, lembra, “já se sabia que, nos seus tempos de criança, tivera fascínio pela Juventude Hitleriana. O desejo dele era entrar em submarinos e coisas assim. Era um apaixonado pelas máquinas”.

Marie admite que Grass tenha sido colhido de surpresa ao ser incorporado “sem saber qual era a tropa, depois de se alistar como voluntário para lutar pelo seu país”. Todavia, insiste para que não se extraiam conclusões precipitadas. “O melhor é talvez as pessoas lerem o livro para colocarem as coisas no seu contexto. O que acontece é que tomam aquele pormenor fora do contexto e dizem: ‘O Grass foi das SS.’ Foi. Mas também tem de se saber como e porquê.”



Arte | Marie Huber com a escultura 'Menina com Rato', de Günter Grass, amigo antigo do Centro Cultural de São Lourenço

## Sondagem diz que Grass mantém credibilidade

A credibilidade do escritor alemão Günter Grass manteve-se inalterada após a polémica causada pela revelação de que pertenceu às Waffen-SS na juventude, segundo uma sondagem ontem divulgada na Alemanha. Dois em cada três alemães (68 por cento) consideram que a credibilidade do autor de *O Tambor* não sofreu qualquer diminuição, de acordo com o estudo realizado pelo instituto de sondagens Forsa para o canal de notícias N-TV. 12% dos inquiridos pensam, no entanto, que Grass, o arquétipo do escritor incómodo e perturbador de consciências políticas e literárias, perdeu credibilidade após a sua confissão, feita mais de 60 anos depois do final da II Guerra Mundial. O autor de *O Meu Século* era visto como a consciência política da Alemanha, mas agora passou a ser apelidado de “apóstolo da dupla moral”.

A maioria dos inquiridos (51 por cento) considera que Grass devia ter divulgado antes a sua ligação àquela força de elite nazi. 29% são de opinião de que a sua confissão surgiu no momento oportuno, ao passo que oito por cento dos inquiridos pensam que o escritor deveria ter mantido silêncio sobre esse polémico capítulo da sua vida.

A confissão de Günter Grass fez disparar as vendas da sua autobiografia, *Descascando a Cebola*. A primeira edição da obra, onde o autor revela que pertenceu às Waffen-SS, estava quase esgotada um dia após ter sido posta à venda. Cerca de 130 mil dos 150 mil exemplares disponibilizados no mercado na quarta-feira foram já vendidos, de acordo com a editora Steidl, que está prestes a lançar uma segunda edição de cem mil exemplares.

Lusa-Vasco Celio

**Há que tentar compreender como, porquê e em que circunstâncias ele pertenceu às tropas SS, em vez de tirar conclusões fora do contexto**

**Já se sabia que, nos seus tempos de criança, era como de resto qualquer outra, um fascinado pela Juventude Hitleriana**

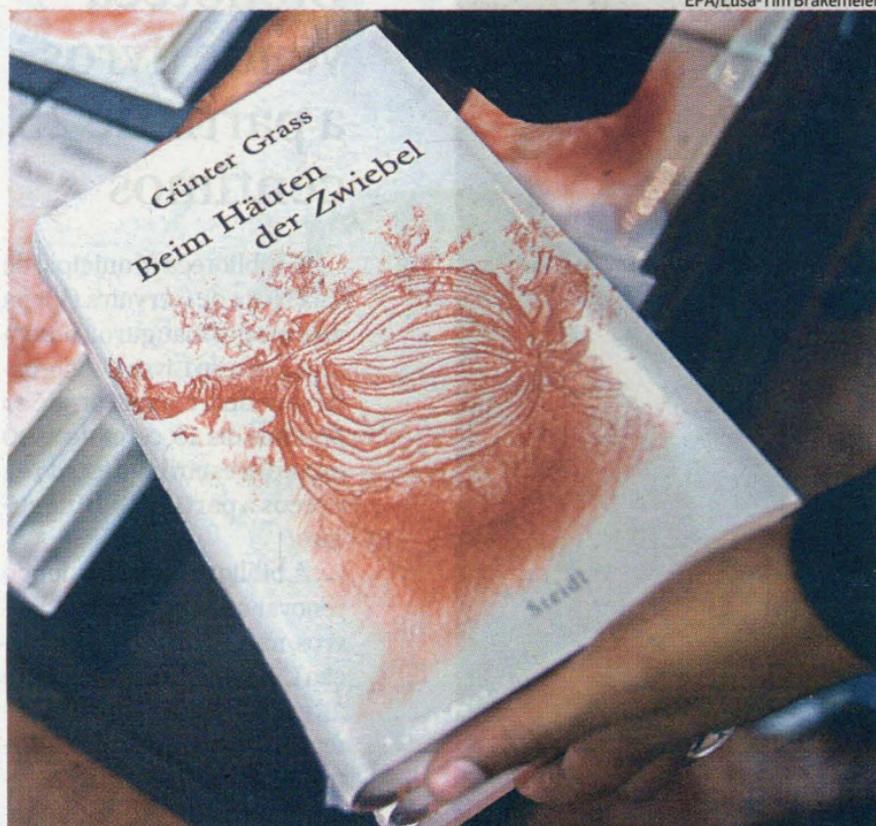
**Acredito que lhe deve ter custado fazer aquela confissão, até para aliviar a consciência. Mas, de certa maneira, admiro a coragem de Grass**

**MARIE HUBER**

Quanto à hipótese de lhe retirarem o Nobel da Literatura, abana a cabeça. “O Nobel nunca é atribuído a uma pessoa, mas sim a uma obra. E a dele tem o valor que tem.”

Depois deste episódio, que deixou a Alemanha em estado de choque, Marie ainda não falou com o seu amigo. Quando o fizer, não tocará no assunto, a não ser que ele tome a iniciativa. “Perdoar-lhe? Não tenho de fazê-lo porque ele não me ofendeu. Pelo contrário. Por isso, vou continuar a respeitá-lo. Ele é um artista multifacetado. Um autêntico monumento.”

EPA/Lusa-Tim Brakemeier



**Vendas** | 'Descascando a Cebola' vai já ter uma 2.ª edição de cem mil exemplares

## “Das Waffen-SS desprendia-se algo europeu”

“É verdade que durante o meu treino nos tanques, que me embruteceu durante o Outono e o Inverno, não se sabia nada dos crimes de guerra que depressa vieram à luz, mas a afirmação da minha ignorância não pode ocultar a consciência de ter estado integrado num sistema que planificou, organizou e levou a cabo a aniquilação de milhões de seres humanos. Mesmo que me pudesse convencer de não ter tido uma responsabilidade activa, sempre ficava algo, que até hoje não se apagou, que com demasiada frequência se chama responsabilidade compartilhada. Viverei com ela até ao fim dos meus dias, isto é certo”.

Este parágrafo pertence a *Descascando a Cebola*, a autobiografia de Günter Grass, em que o autor revela ter pertencido às Waffen-SS nos

últimos dias da II Guerra Mundial. O diário *El País* publicou ontem os fragmentos mais significativos dos capítulos em que o escritor fala da sua experiência militar, enquanto adolescente numa Alemanha à beira da queda.

Grass recorda assim o seu contacto com a Divisão Frundsberg das Waffen-SS, em que foi colocado aos 17 anos, após se ter apresentado como voluntário para os submarinos e sido recusado: “Conhecia esse nome [Frundsberg] por ser o do líder da Liga da Suábia na época da Guerra dos Camponeses e ‘pai dos lansquenets’. Alguém que lutou pela liberdade e pela libertação. Além disso, das Waffen-SS desprendia-se algo europeu: agrupados em divisões, na Frente Leste combatiam voluntários franceses, valões, flamengos e holandeses, muitos noruegueses, dinamarqueses e até suecos neutrais, numa guerra defensiva que, segundo diziam, salvaria o Ocidente da ofensiva bolchevique.”

E comenta: “O que eu havia aceitado com o tonto orgulho dos meus anos jovens, quis calar depois da guerra, por vergonha sempre renovada. Não obstante, a carga subsistia e nada a podia aligeirar.”

**O 'El País' publicou ontem fragmentos dos capítulos da autobiografia de Grass em que ele recorda a sua experiência militar**